

# Prolegômenos para o estudo da extrema direita brasileira: nova direita e neofascismo

SANTOS, Vitor<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho visa esboçar algumas considerações acerca da emergência de grupos políticos de extrema direita em todo mundo, em alguns casos vindo a dirigir o Estado, como é o caso do Brasil. Ainda que não haja uma grande convergência sobre o que tem se chamado nova direita, há uma série de pesquisadores que tem se debruçado a estudar esse fenômeno, suas origens históricas e seus projetos para o futuro. Sempre atentos ao cuidado metodológico necessário aos historiadores do tempo presente ao estudar um objeto em pleno desenvolvimento, e compreendendo o fascismo como uma possibilidade histórica no capitalismo monopolista contemporâneo – e não um fenômeno irrepetível - avaliamos que o debate sobre o neofascismo deve levar em consideração não só o projeto político dos líderes da extrema direita, mas também, as situações ou saídas transitórias, que limitam ou condicionam as implementações de seus programas por diferentes motivos, de forma a não concretizar regimes tais os vistos na Itália e na Alemanha.

**Palavras-chave:** nova direita; neofascismo; fascismo; bolsonarismo

## 1 Introdução

Esse artigo é um primeiro esboço de uma pesquisa que se desenvolverá com mais fôlego sobre a emergência de atores políticos de direita, que apresentam sensíveis mudanças de projeto, estratégias e táticas de ação, quando comparados com a direita neoliberal que se consolidou no poder em uma vasta gama de países pós 1980. Narendra Modi, na Índia, Donald Trump, nos Estados Unidos, Rodrigo Duterte, nas Filipinas, e Jair Bolsonaro, no Brasil – para ficar apenas em alguns dos mais singulares exemplos – ascenderam ao poder em um curto período, construindo movimentos com significativas similaridades, ainda que muito diversos.

A diversidade da construção desses movimentos provoca ainda uma série de discussões em diferentes campos das ciências humanas. De políticos à cientistas políticos, historiadores à antropólogos, vários intelectuais têm protagonizado um debate, nos meios públicos e acadêmicos, buscando caracterizar um fenômeno ainda em desenvolvimento, que extrapola fronteiras nacionais. O pesquisador Odilon Caldeira Neto bem pontua que “o termo ‘novas direitas’ ganhou força, mas sem que houvesse consenso absoluto sobre qual é o significado e a extensão dessa categoria”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Graduado como bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestrando pela mesma instituição, email: vitor.v.santos@hotmail.com

<sup>2</sup> CALDEIRA, Odilon Neto. Neofascismo, “Nova República” e ascensão das direitas no Brasil. Revista Conhecer: debate entre o público e o privado, v. 10, nº 24, 2020, p. 122.

Esse trabalho, portanto, será uma breve reflexão e uma sistematização das ideias que estão se desenvolvendo no debate público por pesquisadores e pensadores brasileiros. Nele tentaremos apresentar algumas posições sobre o debate, identificar continuidades e rupturas e mapear potencialidades metodológicas e analíticas que possam ajudar aqueles que se comprometerem ao estudo do desenvolvimento da direita no tempo presente, em especial o caso brasileiro, o bolsonarismo. Nosso esforço se dará, especialmente, na apreciação do debate sobre a validade da utilização do conceito de neofascismo para a caracterização do fenômeno atual brasileiro.

## **2 Notas sobre o fascismo histórico**

Para localizar o tema do neofascismo, acreditamos ser importante apontar brevemente algumas considerações sobre o fascismo histórico, o fascismo de tipo clássico, aquele que se desenvolveu no entreguerras.

Antes mesmo de ascender plenamente ao poder – no caso alemão –, ou de consolidar uma ditadura repressiva fascista, os teóricos e militantes ligados à Internacional Comunista já buscavam caracterizar o fenômeno que começava a assolar a Europa. Aberta a polêmica no interior da IC, fruto de divergências a partir do informe de Amadeo Bordiga – então principal dirigente do recém fundado Partido Comunista da Itália – ainda no IV Congresso de 1922, coube a Clara Zetkin, na época já veterana militante do movimento socialista alemão, o informe e a redação da resolução sobre a questão no III Pleno Ampliado do Comitê Executivo da Internacional Comunista, em 1923<sup>3</sup>.

Compreendendo o fascismo como fruto de um refluxo das lutas populares e das derrotas sofridas pelos movimentos revolucionários que ocorreram na Europa depois da revolução socialista que formou a URSS, Zetkin aponta que, ao organizar uma contraofensiva, o fascismo apresenta “um programa revolucionário fraudulento, que se liga de forma extremamente esperta com os humores, interesses e necessidades de amplas camadas sociais”<sup>4</sup>. Ele seria, então, uma corrente política com base social nos setores médios e pequeno-burgueses – ainda que seu conteúdo de classe fosse a defesa dos

---

<sup>3</sup> TABER, Mike, RIDDELL, John. Introdução. In: ZETKIN, Clara. Como Nasce e Morre o Fascismo. Autonomia Literária e Usina Editorial, São Paulo, 2019, p. 16.

<sup>4</sup> ZETKIN, Clara. A luta contra o fascismo. In: ZETKIN, Clara. Como Nasce e Morre o Fascismo. Autonomia Literária e Usina Editorial, São Paulo, 2019, p. 43.

interesses da grande burguesia -, que, ao temerem sua proletarização fruto da crise social, migravam à radicalização contrarrevolucionária e ao combate físico as forças operárias e camponesas, nas chamadas “expedições punitivas”<sup>5</sup>. Zetkin salienta também que a agitação do movimento de massas fascista não seria possível sem a complacência das instituições da justiça burguesa, que deixaram o movimento impune dos mais diversos crimes<sup>6</sup>.

De lá pra cá, o debate sobre o fascismo despertou uma variada gama de estudos. Robert Paxton, em seu escrito já consagrado *A Anatomia do Fascismo*<sup>7</sup>, busca uma compreensão mais elástica do fenômeno, menos exclusivamente restrita ao caso clássico, ainda que busque nele, elementos para elaborações mais amplas. Segundo ele o fascismo seria “um termo genérico para o que é um fenômeno geral”<sup>8</sup>. Em sua síntese, ele busca descrever as características gerais determinantes na formação do movimento fascista:

- \* o sentimento de uma crise catastrófica, além do alcance de qualquer das soluções tradicionais;
- \* a primazia de um grupo, com relação ao qual as pessoas têm deveres superiores a quaisquer direitos, sejam eles individuais ou universais, e a subordinação do indivíduo a esse grupo;
- \* a crença de que o próprio grupo é uma vítima, sentimento esse que serve como justificativa para qualquer ação, sem limites legais ou morais, contra seus inimigos, tanto internos quanto externos;
- \* o pavor da decadência do grupo sob os efeitos corrosivos do liberalismo individualista, do conflito de classes e das influências alienígenas;
- \* a necessidade da maior integração de uma comunidade mais pura, por meio do consentimento, se possível, ou da violência excludente, se necessário;
- \* a necessidade da autoridade dos líderes naturais (sempre do sexo masculino), culminando num chefe nacional, que é o único capaz de encarnar o destino do grupo;
- \* a superioridade dos instintos desse líder sob a razão abstrata e universal;
- \* a beleza da violência e a eficácia da vontade, quando voltadas para o êxito do grupo;
- \* o direito do povo eleito a dominar os demais sem limitações de qualquer natureza, sejam elas impostas por leis humanas ou divinas, esse direito sendo determinado pelo critério único do valor do grupo no interior de uma luta darwiniana.<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>7</sup> PAXTON, Robert O. *A Anatomia do Fascismo*. Paz e Terra, São Paulo, 2007.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>9</sup> Ibidem, pp. 78-79.

A busca de Paxton por elementos gerais da constituição fascista longe de ser uma classificação da imutabilidade do fenômeno, buscava precisar elementos que se desenvolveram em conjunturas específicas. Como podemos notar, nem todos os movimentos que se identificaram de algum modo com o fascismo cumpriam todas essas características presentes no fascismo clássico. O historiador português, Fernando Rosas, ao estudar o salazarismo, salienta a necessidade de compreender o desenvolvimento dos atores políticos vinculados aos processos históricos particulares e dinâmicos de cada país, que, porventura, desaguaram em regimes ditatoriais, fascistas ou se mantiveram nos marcos democráticos burgueses. Ele conclui que, nem todo movimento político-social fascista consegue, mesmo chegando ao poder, transformar o regime, obtendo desfechos variados, “situações híbridas”<sup>10</sup>. Pesquisadores brasileiros na atualidade vêm ressaltando esse aspecto, como vemos no recente artigo publicado por Demian Melo:

Os fascismos italiano e alemão são mais lembrados por terem sido capazes de alcançar o poder e implantar regimes ditatoriais que levaram a humanidade ao sangrento conflito da Segunda Guerra Mundial. No entanto, houve movimentos fascistas que não conseguiram chegar ao poder, ou que chegaram ao âmbito de coalizões mais amplas das direitas, como Espanha e Portugal. Outros se empoderaram na condição de colaboracionistas da ocupação alemã a partir de 1940, como o governo-fantoches de Vidkun Quisling na Noruega, mas é preciso lembrar também de casos como o da França ocupada, cujo regime colaboracionista de Vichy dispensou os movimentos fascistas locais que se conformaram em apenas apoiar a situação. Somaram-se a estes aqueles movimentos fascistas fora da Europa que nunca ultrapassaram a fase de movimento político. Da China à Argentina, dos Estados Unidos ao México, movimentos fascistas surgiram em várias latitudes do planeta.<sup>11</sup>

Essa compreensão, nos parece útil para a caracterização do fenômeno recente. De fato, existem elementos das contradições sociais na história recente não só do Brasil, como do mundo, em que vemos fortes similaridades com a etapa histórica que levou à formação de movimentos fascistas. A conclusão que parte da historiografia tira desse processo, e que nos parece útil no presente, é a compreensão de fascismo como uma “possibilidade de regime político do Estado burguês em um momento de crise do

---

<sup>10</sup> ROSAS, apud MATTOS, Marcelo Badaró. Governo Bolsonaro: Neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. Editora Usina. São Paulo, 2020, p. 44.

<sup>11</sup> DEMIAN, MELO. O bolsonarismo como fascismo no século XXI In: REBUÁ, E.; COSTA, R.; GOMES, R.; CHABALGOITY, D. (Org.). (Neo)fascismo e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2020, p. 13.

capitalismo em sua fase imperialista”<sup>12</sup>, portanto, possibilidade ainda vigente. Essa possibilidade, porém, não pode ser entendida de forma generalizadora, confundindo ditaduras, governos autoritários ou neoliberais de todo tipo com fascismo.

### **3 Apontamentos sobre a realidade brasileira no contexto do golpe e da crise social**

Como vimos, a crise social de dimensões alargadas é condição para o crescimento de saídas fascizantes. Porém, seria determinista dizer que toda crise social desemboca na solução fascista. Cabe aqui alguns apontamentos da crise brasileira, que nos ajudam a entender a ascensão de grupos da extrema direita - que é fato indiscutível - ainda que não necessariamente seja correto caracterizá-los como fascistas.

Vários autores vêm buscando uma genealogia da direita que protagonizou o cenário político das investigações – hoje já largamente provadas fraudulentas – da operação Lava Jato, o impeachment de Dilma Rousseff, e a ascensão de Jair Messias Bolsonaro ao governo do Estado brasileiro.

Intelectuais que se dedicam ao estudo do tema do desenvolvimento do pensamento político da direita no Brasil apontam que a formação de grupos da “nova direita”, grupos tais como Movimento Brasil Livre, Vem pra Rua, Estudantes pela liberdade, entre outros, tem origem em grupos menores que se unificaram no contexto das manifestações que mobilizaram em favor do golpe parlamentar que destituiu a então presidente Dilma Rousseff<sup>13</sup>. A formação desse tipo de organização, no entanto, teria começado a se disseminar ainda no contexto da redemocratização, quando ocorreu uma proliferação de aparelhos privados defensores de ideais neoliberais, ligados ao empresariado brasileiro e associado ao capital internacional<sup>14</sup>. Esse processo de longo prazo teria sido fundamental para enraizar uma “sociabilidade liberal”, que unificasse “conservadores e reacionários”<sup>15</sup>. Portanto, podemos concluir através desses estudos que há uma convergência de longo prazo entre diferentes setores da direita. Cabe então o

---

<sup>12</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. Governo Bolsonaro: Neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. Editora Usina. São Paulo, 2020, p. 64.

<sup>13</sup> ROCHA, Camila. “Menos Marx, Mais Mises”: Uma gênese da nova direita (2006 – 2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2018.

<sup>14</sup> Sobre o tema, ver o estudo feito na pesquisa de doutoramento de Flávio Casimiro: CASIMIRO, Flavio Henrique. A nova direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

<sup>15</sup> CALIL, GILBERTO. Apresentação. In: Direita e classes dominantes no capitalismo contemporâneo, Revista História e Luta de Classes, nº 26, setembro 2018, p. 5.

questionamento se seria correto, portanto, caracterizá-los como “nova direita”. Seria essas penas a velha direita, agora “desavergonhada”, como apontam alguns analistas?

A crise de poder aberta a partir de das manifestações de junho de 2013 nos dá pistas para compreender esse fenômeno, porém, o momento principal de inflexão nos parece ser os atos organizados por essa “nova direita” entre 2015 e 2016, em defesa do impeachment. Segundo dados compilados por Mattos<sup>16</sup>, o perfil dos participantes desses atos teria sido significativamente diferente das manifestações ocorridas em junho de 2013, e suas pautas políticas eram muito mais claras: o “combate à corrupção” - manifestado pelo apoio a Lava Jato -, e a defesa do fim do governo “esquerdista” comandado pelo Partido dos Trabalhadores. Ainda que não estivesse em postos centrais nas pautas de reivindicação, um número não pouco expressivo de manifestantes pedia intervenção militar no país. Os governos e as polícias estaduais deram tratamento diferenciado aos manifestantes, sendo notório o caso da liberação do metrô feito pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB) e as frequentes fotos descontraídas entre as forças policiais e manifestantes<sup>17</sup>.

Os veículos da grande mídia – que já vinham apoiando as pautas do movimento - - transmitiram largamente e em tempo real os atos pelo Brasil. É curioso pensar, a partir dos dados coletados na pesquisa de Esther Solano e Pablo Ortellado, que boa parte dos entrevistados disse não confiar nos grandes veículos de imprensa, salvo algumas exceções como a Revista *Veja*, naquele momento também bastante alinhada às pautas do movimento<sup>18</sup>. Concordamos com Mattos quando ele atenta para esse sentimento como embrião da lógica *antiestablishment* que iria tomar maiores proporções nos anos seguintes<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> Segundo Marcelo Badaró Mattos, os atos ocorridos em 15 de março, 12 de abril, 16 de agosto, 13 de dezembro de 2015 e 13 de março de 2016 alcançaram patamares de massas e chegaram a reunir 3,6 milhões de pessoas, em 300 cidades do território nacional. Sobre o perfil dos manifestantes, ainda segundo Mattos, ele era “dominantemente associado aos setores intermediários – pequena burguesia e assalariados médios melhor remunerados. Entre eles, 76% possuíam ensino superior e a maioria recebia acima de 5 salários-mínimos, com 68% ganhando mais de R\$ 3.940,00 por mês”, “82% havia votado em Aécio Neves (PSDB)”, “homens (56%) eram maioria”, e a “idade média dos manifestantes era de 45 anos (com 30% entre 36 e 50 anos e 41% com mais de 51 anos). Quanto à cor, 73% dos manifestantes se declararam brancos, 18% pardos e apenas 4% pretos, além de 1% indígenas, 2% amarelos e 2% auto identificados como de ‘outras cores’”. MATTOS, Marcelo Badaró. Governo Bolsonaro: Neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. Editora Usina. São Paulo, 2020, pp. 186-187.

<sup>17</sup> Ibidem, 120.

<sup>18</sup> ORTELLADO, Pablo, SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. Revista Perseu Abramo, nº 11, p. 173.

<sup>19</sup> MATTOS, op. cit., p. 195.

Nos parece que esses atos foram o coroamento da formação da “nova direita” brasileira. Longe de ser uma novidade ela é, na verdade, um reordenamento de diferentes forças políticas, hegemônicas hoje por uma corrente mais radical e conservadora. Ela é fruto de um movimento de formação de “contra-públicos”, como sugere Camila Rocha<sup>20</sup>, movimento esse constituído pelo sentimento de que há uma ameaça no poder, que os oprime. O sujeito dessa opressão seria o homem de classe média – ainda que nesse ápice, e ao menos até 2019, esse movimento tenha conseguido angariar partes importantes das classes mais baixas -, que vê seu potencial de compra cada vez mais deteriorado pela crise social, sua segurança ameaçada pela crise policial - largamente televisionada - seus direitos ameaçados por uma ascensão dos movimentos sociais, de mulheres, negros e negras, indígenas e LGBTQI+ e, por fim, sua liberdade ameaçada por um governo que almeja implementar uma ditadura comunista no país<sup>21</sup>. Essa chave programática foi canalizada pela candidatura de Jair Messias Bolsonaro nas eleições de 2018.

Outros elementos importantes, como o papel de Olavo de Carvalho<sup>22</sup> e de sua cosmovisão baseada em teorias da conspiração, e o mal-estar crescente dos militares com os trabalhos da Comissão da Verdade a partir de 2012<sup>23</sup>, devem ser levados em consideração para uma análise mais completa, que não caberia no propósito sintético desse trabalho.

#### **4 Neofascismo, autoritarismo e globalização: um debate sobre as formas de dominação no século XXI**

Acompanhando os estudos recentes sobre a necessidade de uma abordagem global do ofício do historiador - que são de alguma forma subproduto da globalização, ao passo que são críticos a ela -, compreendemos que “nenhuma sociedade pode ser concebida se observada em isolamento”<sup>24</sup>. O fenômeno da extrema direita ocorre, nesse momento, em vários locais do planeta, em fase de desenvolvimento e dinâmica diferentes, e que tem, cada qual, especificidades nacionais. Porém, salta aos olhos a velocidade do

---

<sup>20</sup> ROCHA, op. cit., p. 34.

<sup>21</sup> PINHEIRO-MACHADO, Rosana, apud MATTOS, pp. 193-194.

<sup>22</sup> Ver em CALIL, Gilberto. O Astrólogo que inspira a Jair Bolsonaro. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 31 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/?SuperSocializerAuth=LiveJournal>

<sup>23</sup> Ver em, ROCHA, João César de Castro. *Guerra Cultural e retórica do Ódio: Crônicas de um Brasil pós-político*. Editora Caminhos, Goiânia, 2021

<sup>24</sup> CONRAD, Sebastian. *O que é História Global*. Edições 70, Lisboa, 2019, p. 124.

desenvolvimento dessas forças políticas, com várias características comuns, ao redor do globo, nos últimos anos. Nos parece que o impacto do fim dos regimes políticos ligados a URSS e o avanço neoliberal na década de 1990, que consolidou um regime de exploração mais integrado em todo o globo, transformou as correntes políticas em mais transnacionais que nos períodos anteriores. Como sugere Conrad: “a mercantilização das coisas e das relações sociais cria uma coerência sistêmica, ao permitir que haja compatibilidade e permutabilidade através de fronteiras geográficas, culturais ou éticas”<sup>25</sup>. Essa afirmação nos ajuda a desmistificar a ideia de que estaríamos sempre sob a égide do capitalismo, enquanto um sistema imutável que teria sempre as mesmas “contradições, que inevitavelmente levariam à ruína”<sup>26</sup>.

Os pesquisadores Pierre Dardot e Christian Larval veem atentando em seus estudos sobre o enfraquecimento da democracia, resultado do avanço do neoliberalismo, que transforma e conduz a sociedade tal qual uma empresa, bastando ao Estado ser o garantidor da liberdade da propriedade, e dificultando as “ações coletivas”, na medida em que “os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis”<sup>27</sup>. A supostamente neutra “reforma gerencial da ação pública”, ao descaracterizar aquilo que os autores chamam de “lógica democrática da cidadania social”<sup>28</sup> estaria jogando os setores mais precarizados a condições de “não cidadãos” entrando em uma “era pós-democrática”<sup>29</sup> do capitalismo.

A crise financeira de 2008 pode ser entendida como ponto de inflexão, com o descrédito de políticos tradicionais e avanço das alternativas reacionárias. Essa contradição entre uma etapa histórica onde os Estados Nacionais estão profundamente enfraquecidos e subjugados ao capitalismo monopolista e imperialista das grandes potências, colocam uma série de questões sobre a caracterização dos fenômenos políticos que surgem. Afinal, seria correto caracterizar como fascista uma corrente política que é profundamente submissa a outros países, tal qual a relação que Bolsonaro tentou estabelecer com o governo Trump?

Atento a esse debate, Odilon Caldeira Neto defende que há, em pesquisas recentes uma simplificação de “fenômenos complexos” e “transnacionais”, atentando para os

---

<sup>25</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>26</sup> DARDOT, Pierre, LARVAL, Christian. A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo, Boitempo, 2016, p. 7.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 381

<sup>29</sup> Ibid., p. 9.

limites de se adotar a “noção de neofascismo tão abrangente quanto conflituosa, que abarca categorias tão diversas no campo das direitas no Brasil, como grupos monarquistas, liberais radicais, conservadores, evangélicos, militaristas, armamentistas, neofascistas, e assim por diante”<sup>30</sup>. Na sua visão, neofacistas seriam aqueles que se identificavam diretamente com “as ditaduras fascistas dos entreguerras”, sendo, portanto, uma definição mais “restritiva”. Os neofacistas seriam então, pequenos “grupelhos”, no meio do “fenômeno plural” das novas direitas<sup>31</sup>. No caso brasileiro, Caldeira Neto, defende que esses grupelhos seriam fruto da tradição integralista, que se desmembrou após a morte de seu líder em 1975, mas que seguiu atuante em pequenos grupos, apoiando candidaturas conservadoras, tal qual a de Enéas Carneiro e, mais recentemente, a de Jair Bolsonaro em 2018<sup>3233</sup>.

Para o pesquisador, ainda que houvesse elementos comuns do movimento bolsonarista com o movimento do fascismo clássico, como as “teorias da conspiração (como o ‘globalismo’ ou o ‘marxismo cultural’)” elas:

coexistem com um projeto e discurso ultraliberal na economia, assim como o apoio a Israel e aos Estados Unidos da América (EUA), sobretudo nos projetos políticos de Benjamin Netanyahu e Donald Trump. Sob esse ponto de vista, embora o discurso e a prática de Jair Bolsonaro façam jus a algumas ideias-força da extrema direita brasileira de inspiração neofascista, em outros momentos oferece pontos de ruptura, ou ao menos diferenças substanciais, como é o caso da defesa das privatizações<sup>34</sup>.

O pesquisador argentino Atílio Boron, ainda que compactue com a ideia de que não estamos vivendo um retorno de fenômenos fascistas, justifica seus argumentos de maneira singular. Para ele, não é possível caracterizar o fascismo através de líderes políticos, grupos ou pelo programa que expressa, sendo o fascismo um tipo de “forma excepcional do Estado capitalista, com características absolutamente únicas e irrepetíveis”<sup>35</sup>. Boron não nega o caráter antidemocrático, reacionário, xenofóbico e

---

<sup>30</sup> CALDEIRA, Odilon Neto. Neofascismo, “Nova República” e ascensão das direitas no Brasil. Revista Conhecer: debate entre o público e o privado, v. 10, nº 24, 2020, p. 123.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 124.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 134.

<sup>33</sup> Recentemente, Caldeira Neto publicou um estudo, juntamente com o pesquisador Leandro Pereira Gonçalves, que mostrou a inserção de participantes de grupos neointegralistas no movimento bolsonarista, sendo alguns pertencentes ao quadro de assessores ministeriais. Ver em: GONÇALVES, Leandro Pereira, CALDEIRA NETO, Odilon. O Fascismo dos Camisas Verdes: do integralismo ao neointegralismo. FGV, Rio de Janeiro, 2020.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 135

<sup>35</sup> BORON, Atílio A. Caracterizar o governo de Jair Bolsonaro como um governo “fascista” é um grave erro. Publicado em Brasil de Fato, 2 de janeiro de 2019. Disponível em:

misógino do bolsonarismo e da extrema direita mundial, porém, foca sua análise no tipo de Estado no capitalismo atual. Sua hipótese se choca com aquela de que o fascismo é uma hipótese histórica, a partir de contradições ainda presentes no capitalismo, e nega também a possibilidade de mutação do fenômeno da década de 1930, como defendem outros teóricos, que veremos a seguir. Contudo, sua tentativa de despersonalizar o fascismo nos parece prudente para evitar a narrativa liberal, que o próprio atenta como uma tentativa de livrar o capitalismo como criador do fascismo, atribuindo a Hitler e Mussolini características paranoicas e megalomaníacas.

Compreendendo de outra forma o sociólogo Michael Lowy, aponta que existem movimentos diretamente ligados ao fascismo clássico maiores do que os grupelhos brasileiros, ao redor do mundo e que são diretamente vinculados a tradição do fascismo clássico, como o Aurora Dourada na Grécia<sup>36</sup> e a Casa Pound na Itália entre outros partidos nos países do báltico. Porém, o marxista brasileiro radicado na França, compreende que é possível caracterizar como neofascistas algumas lideranças de movimentos em ascensão na Europa, como “Marie Le Pen, na França, o FPÖ (‘Liberal’) da Áustria, o partido Vlams Belang na Bélgica, Salvini e a Legga italiana, Jair Bolsonaro”<sup>37</sup>, e considera que Trump tem elementos neofascistas, que se misturam com reacionarismo tradicional. Para ele, os traços comuns, como o autoritarismo, o nacionalismo de chavões como o “*Deutschland über alles*”, “*America First*”, “*Brasil acima de tudo*”, a “intolerância religiosa ou étnica” e a violência das forças policiais como cura aos “problemas sociais e a criminalidade” são pontos comuns entre a maioria dos grupos neofascistas. Contudo o autor aponta sensíveis diferenças entre fascismo e neofascismo, que, segundo ele “não organizam tropas de choque paramilitares” tal qual o fascismo clássico, tem menos capacidade de atração do grande capital por seu programa econômico, e não tem sua influência circunscrita à pequena burguesia, “incluindo grandes contingentes populares e mesmo da classe operária”. Portanto esses apontamentos

---

<https://www.brasildefato.com.br/2019/01/02/artigo-or-caracterizar-o-governo-de-jair-bolsonaro-como-fascista-e-um-erro-grave>. Acesso em 20 de agosto de 2020.

<sup>36</sup> Recentemente o Aurora Dourada foi ilegalizado e compreendido pela justiça grega como organização criminosa após ser comprovado o envolvimento de integrantes do partido em uma série de ataques incluindo um assassinato de um artista e ativista de esquerda.

Vem em: <https://oglobo.globo.com/mundo/em-veredicto-emblematico-grecia-determina-que-partido-neonazista-aurora-dourada-uma-organizacao-criminosa-24680599>

<sup>37</sup> LOWY, Michael. Neofascismo: Um fenômeno planetário – O caso Bolsonaro. Publicado em: A terra é redonda, em 29 de outubro de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593814-neofascismo-um-phenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro>. Acesso em 18 de julho de 2020

caracterizam na visão do autor, elementos de ruptura do fascismo clássico - e do conceito de neofascismo assumido por Caldeira e Boron - e caminha para a compreensão de um movimento de tipo novo, ainda que carregue características de seu antepassado.

Ainda segundo Lowy, tratando das diferenças do caso brasileiro, em comparação com seus pares europeus, Bolsonaro não faz do racismo bandeira mobilizadora de sua campanha, com tal centralidade quanto na Europa; não tem quase nenhuma relação com o movimento Integralista, diferente de vários neofascistas do continente; já os movimentos europeus não dariam tanta centralidade ao combate à corrupção em sua agitação; ainda que esteja presente nos “pró-fascistas da Europa oriental”, o combate à “centro-esquerda” é marca forte da agitação Bolsonarista, na luta conspiratória contra a ascensão do comunismo; a presença de movimentos religiosos (com exceção ao caso Polônês), não é tão presente quanto a participação das Igrejas Neopentecostais no Brasil; e, por fim, enquanto a maioria dos países europeus apresenta um discurso antineoliberalismo, Lowy aponta que “Bolsonaro propõe um programa econômico ultraliberal, com mais globalização, mais mercado, mais privatizações, além de um completo alinhamento com o Império norte-americano” que teria lhe garantido apoio do grande capital na disputa presidencial<sup>38</sup>. Podemos questionar várias das afirmações de Lowy, mas achamos que o exercício comparativo pode ser frutífero para melhor compreendermos a dimensão do bolsonarismo e seus aliados mundiais.

A constituição do “movimento reacionário de massa”<sup>39</sup>, vinculado à Jair Bolsonaro é uma convergência de múltiplos processos, como estamos tentando demonstrar. O crescimento exponencial da votação do futuro Presidente da República, então candidato a deputado em 2014, já demonstrava uma “reorganização da ultradireita política no país após 2013”, mas também, uma realocação do “próprio deputado, agora disposto a ocupar um lugar de destaque nesse processo”<sup>40</sup>. O historiador Demian Melo aponta para a necessidade de não compreender Bolsonaro como alguém plenamente integrado ao *establishment* político, sendo um deputado pouco expressivo membro do baixo clero. O compreendendo como não pertencente a “elite política tradicional” é que

---

<sup>38</sup> Op. cit., ibid.

<sup>39</sup> BOITO JR., Armando. O Neofascismo no Brasil. Publicado em A Terra é Redonda. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/332592911\\_O\\_NEOFASCISMO\\_NO\\_BRASIL](https://www.researchgate.net/publication/332592911_O_NEOFASCISMO_NO_BRASIL). Acesso em 19 de agosto de 2020. Grifos do original.

<sup>40</sup> MATTOS, op. cit., p. 171.

é possível perceber como foi capaz de “capitalizar o colapso da República de 1988”, montando uma coalizão conservadora que agregou múltiplos setores<sup>41</sup>.

Bolsonaro buscou apropriar e, de alguma forma, sintetizar uma teoria que desse conta de estruturar seu programa político. É nessa movimentação que Bolsonaro, e seus filhos, em especial, se aproximam das ideias de Olavo de Carvalho, na tentativa de dotar o bolsonarismo de uma “filosofia”<sup>42</sup>. O autointitulado filósofo foi responsável por “reciclar velhas narrativas anticomunistas”<sup>43</sup>, em especial aquelas que começaram a circular no neoconservadorismo a partir dos anos 1960 e pregavam o perigo da “revolução cultural”, estratégia hegemônica na esquerda, segundo a teoria da conspiração, que já estaria em curso<sup>44</sup>.

Outro aspecto intimamente influenciado pelas ideias olavistas é a influência do movimento Escola Sem Partido, na luta contra a “doutrinação esquerdista nas escolas” e o posterior enfoque do movimento no combate à “ideologia de gênero”, que o liga com pautas do fundamentalismo religioso. Segundo Melo:

É propriamente o movimento Escola Sem Partido uma das iniciativas que deram forma ao bolsonarismo como alternativa política para as massas populares, por ter sido capaz de interpelar os valores conservadores predominantes no senso comum das classes subalternas, dando uma explicação para a natureza da crise brasileira que transcende a velha narrativa de combate à corrupção mais direcionada às classes médias.<sup>45</sup>

Bolsonaro começa a explorar esses elementos, e se vincular as pautas “morais”, ainda em 2016, quando “encena” seu batismo pelo ex-candidato à presidência, pastor Everaldo - conhecido pelo combate aos direitos LGBTQI+ - buscando se aproximar de apoiadores evangélicos<sup>46</sup>.

O vínculo com as Forças Armadas cumpre uma dupla dimensão na estrutura de poder bolsonarista. A primeira é a dimensão corporativa. Bolsonaro sempre foi representante dos interesses da caserna dentro do parlamento. Em seu governo nomeou mais militares para as estruturas do Executivo do que boa parte dos governos da própria

---

<sup>41</sup> MELO, Demian. O bolsonarismo como fascismo no século XII In: REBUÁ, E.; COSTA, R.; GOMES, R.; CHABALGOITY, D. (Org.). (Neo)fascismo e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2020, p. 23

<sup>42</sup> MATTOS, op. cit., p. 171.

<sup>43</sup> MELO, op. cit., p. 30.

<sup>44</sup> Sobre o tema ver: BIANCHI, Alvaro, MUSSI, Daniela. Os Inimigos de Gramsci. Publicado em Jacobin Brasil, 27 de abril de 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/>. Acesso em 15 de julho de 2020.

<sup>45</sup> MELO, op. cit., p. 34.

<sup>46</sup> MATTOS, op. cit., p. 178.

ditadura militar<sup>47</sup>, e destinou a maior parcela do orçamento federal (28%) para investimentos militares<sup>48</sup>. A segunda dimensão é ideológica. O bolsonarismo buscou organizar os ressentimentos ainda muito presentes entre militares, sobre o processo de redemocratização, que são estruturados a partir da narrativa olavista em um processo que Melo chama de “revisão histórico” de “função mítica”<sup>49</sup>. A mobilização da memória em favor dos mais notórios torturadores como Brilhante Ustra põe em contato mais uma vez o bolsonarismo com a retórica fascista do culto à violência<sup>50</sup>

Por fim, uma última consideração sobre o neofascismo. Marcelo Badaró Mattos, ainda que caracterize Bolsonaro como um fascista de novo tipo, aponta que a mobilização por redes sociais, casernas, quartéis e milícias, teria posto em segundo plano a necessidade da construção de um partido, tal qual foi necessário para o fascismo de tipo clássico<sup>51</sup>. Isso, porém, não caracterizaria um amenizador à violência bolsonarista. O vínculo deste constituído com as milícias é o elo entre violência paramilitar e violência militar a um só tempo<sup>52</sup> e tem sido tema de discussão frequente dos analistas políticos dos mais variados posicionamentos políticos<sup>53</sup>.

## 5 Conclusões preliminares

Neste breve ensaio buscamos trazer visões conflitantes sobre o tema do desenvolvimento da extrema direita no mundo, com enfoque na problemática nacional brasileira. Seria precipitado, dado a apresentação muito preliminar, tirar conclusões substantivas e taxativas. Contudo, nos arriscamos aqui a esboçar três aspectos para a continuidade desse estudo.

O primeiro é a compreensão de que a cautela analítica e metodológica é importante para o historiador, em especial aquele que se aventura a história do tempo presente, e analisa um fenômeno em pleno desenvolvimento, em uma “situação

---

<sup>47</sup> Ibidem, p. 205

<sup>48</sup> Ibidem, p. 209.

<sup>49</sup> MELO, op. cit., p. 26.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>51</sup> MATTOS, op. cit., p. 203.

<sup>52</sup> Ver MANSO, Bruno Paes. A República das Milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro. Rio de Janeiro, Todavia, 2020

<sup>53</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. Dória alerta governadores sob risco de infiltração bolsonarista nas polícias. Publicado em 23 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/doria-alerta-governadores-sobre-risco-de-infiltracao-bolsonarista-das-policiais.shtml>. Acesso em 25 de agosto de 2021.

transitória” como aponta Enzo Traverso<sup>54</sup>; o segundo aspecto, que já está presente nos primeiros teóricos que adentraram a estudar o tema do fascismo, é que este é uma hipótese histórica, uma possibilidade, fruto de contradições capitalistas em momentos de crise, portanto potência ainda presente, o que nos leva ao terceiro elemento; ainda que não seja prudente nessa altura da pesquisa categorizar taxativamente Bolsonaro como neofascista, tampouco parece correto a definição de fascista estritamente vinculado a um acontecimento irrepitível. Portanto, é preciso estar atento às dinâmicas sociais, a eventuais “cálculos táticos”<sup>55</sup> de avanços e retrocessos dos movimentos de extrema-direita, que nem sempre caminham em linha reta em direção a autocracia reacionária.

Situações transitórias são difíceis de se categorizar. Hoje não está claro se o governo Bolsonaro tem força social para evoluir a um regime ditatoriais, porém, a provocação do professor português Manuel Loff alimenta nossa angústia e nossa obstinação pela compreensão do fenômeno da extrema direita, afinal “os Estados em que nós vivemos são puramente democráticos?”<sup>56</sup>

## Referencias

BIANCHI, Alvaro, MUSSI, Daniela. Os Inimigos de Gramsci. Publicado em **Jacobin Brasil**, 27 de abril de 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/>. Acesso em 15 de julho de 2020.

BOITO JR., Armando. O Neofascismo no Brasil. Publicado em **A Terra é Redonda**. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/332592911\\_O\\_NEOFASCISMO\\_NO\\_BRASIL](https://www.researchgate.net/publication/332592911_O_NEOFASCISMO_NO_BRASIL). Acesso em 19 de agosto de 2020.

BORON, Atílio A. Caracterizar o governo de Jair Bolsonaro como um governo “fascista” é um grave erro. Publicado em **Brasil de Fato**, 2 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/02/artigo-or-caracterizar-o-governo-de-jair-bolsonaro-como-fascista-e-um-erro-grave>. Acesso em 20 de agosto de 2020.

CALDEIRA, Odilon Neto. Neofascismo, “Nova República” e ascensão das direitas no Brasil. **Revista Conhecer**: debate entre o público e o privado, v. 10, nº 24, 2020.

CALIL, Gilberto. O Astrólogo que inspira a Jair Bolsonaro. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 31 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/?SuperSocializerAuth=LiveJournal>

CASIMIRO, Flavio Henrique. **A nova direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa**. Tese (Doutorado

---

<sup>54</sup> TRAVESSO, apud Melo, op. cit., p. 16.

<sup>55</sup> BOITO JR, op. cit.

<sup>56</sup> LOFF, Manuel. Entrevista: “O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21”.

Publicado em: Publica, 29 de julho de 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/07/o-bolsonarismo-e-o-neofacismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21/>.

em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

CHAUÍ, Marilena. Neoliberalismo: A nova forma do totalitarismo. Publicado em: **A terra é redonda**, 6 de outubro de 2019. Disponível em: [https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/?doing\\_wp\\_cron=1629316213.2215499877929687500000](https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/?doing_wp_cron=1629316213.2215499877929687500000). Acesso em 16 de julho de 2020

DARDOT, Pierre, LARVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo, Boitempo, 2016.

LOFF, Manuel. Entrevista: “O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21”. Publicado em: **Publica**, 29 de julho de 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/07/o-bolsonarismo-e-o-neofacismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21/>

LOWY, Michael. Neofascismo: Um fenômeno planetário – O caso Bolsonaro. Publicado em: **A terra é redonda**, em 29 de outubro de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593814-neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro>. Acesso em 18 de julho de 2020.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro**: Neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. Editora Usina. São Paulo, 2020.

MELO, Demian. O bolsonarismo como fascismo no século XII In: REBUÁ, E.; COSTA, R.; GOMES, R.; CHABALGOITY, D. (Org.). **(Neo)fascismo e educação**: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

ORTELLADO, Pablo, SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. **Revista Perseu Abramo**, nº 11.

PAXTON, Robert O. **A Anatomia do Fascismo**. Paz e Terra, São Paulo, 2007.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, Mais Mises”**: Uma gênese da nova direita (2006 – 2018). Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2018.

ROCHA, João César de Castro. **Guerra Cultural e retórica do Ódio**: Crônicas de um Brasil pós-político. Editora Caminhos, Goiânia, 2021

ZETKIN, Clara. **Como Nasce e Morre o Fascismo**. Autonomia Literária e Usina Editorial, São Paulo, 2019.